

A CARTEIRINHA

Tempos atrás fui visitar a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP - FAU, na Cidade Universitária localizada na zona oeste de São Paulo. Com a linha amarela do metrô ficou bem mais fácil chegar lá que nos tempos de estudante em barulhentos e fumacentos ônibus que levavam horas. O edifício principal foi projetado por um das grandes mestres da arquitetura brasileira, o arquiteto curitibano João Batista Vilanova Artigas, autor de inúmeras obras primas. Sempre fui admirador da obra construída de Artigas, da concepção visionária do curso de arquitetura onde lecionou até ser afastado do edifício que abrigaria a FAU, aposentado compulsoriamente pela ditadura militar por sua ligação com o Partido Comunista. Seus projetos mais conhecidos como o conjunto habitacional da CECAP em Guarulhos, a antiga rodoviária de Londrina, a rodoviária de Jaú, o estádio do Morumbi, a escola de Itanhaém, o edifício Louveira na praça Vilaboim, enfim, estão todos nos compêndios e livros de arquitetura brasileira de qualidade do período do pós-guerra até o início dos anos 1980.

Falecido em 1985, sua gigantesca presença no campo profissional da arquitetura “escondeu” Carlos Cascaldi, seu parceiro em boa parte dos projetos, de quem fui aluno. Lembrei dos dois ao subir as rampas que ligam os vários pavimentos do edifício da FAU, observando o “salão caramelo”, palco de tantas assembleias contra a ditadura. Os ateliês de projeto estavam cheios de vida e gente com desenhos e maquetes, penso que era dia de alguma avaliação dos professores. Lembrei também que naquele mesmo local quarenta anos atrás, durante um congresso, encontrei Ruy Ohtake, então Presidente do Condephaat estadual e reclamei da demolição do Hotel Francano. Um café na cantina concluiu o passeio pelo passado, cheio de nostalgia e também de esperança, de que aquela moçada vai construir cidades melhores, a mesma que movia Artigas.

Dali, fui almoçar no restaurante “Salve Jorge” com velhos companheiros remanescentes da Faculdade de Arquitetura Braz Cubas para comemorar os 50 anos de formatura. Escolhemos um lugar no centro velho de São Paulo a não mais que três minutos a pé de uma estação do metrô, pois somos todos velhinhos septuagenários com vasto cardápio de problemas de saúde. Como idosos, não pagamos o bilhete do metrô, basta apresentar uma carteirinha do bilhete único da SPTrans ou a identidade para passar na catraca sem pagar. Foi daí que derivou a conversa sobre carteirinhas e uma história saborosa.

Armando, um dos colegas que apareceram no almoço, era exímio no uso de letraset, uma espécie de adesivo com letras que era muito usado em publicidade e nas plantas de arquitetura. Com isso, era capaz de reproduzir (falsificar seria um termo melhor) a carteirinha de estudante e outras para pagar meia entrada nos cinemas e shows musicais. Armando conseguiu fazer uma idêntica à de jornalista da revista Manchete e entrava em jogos de futebol e shows de música sem pagar dando uma verdadeira “carteirada”, não aquelas do Datena. Até o dia em que conheceu numa festa do IAB o grande jornalista Audálio Dantas (votoi nele para deputado federal em 1974 pelo velho MDB, contra a ditadura). Armando, sem pensar, mostrou a carteirinha de jornalista para ele, que perguntou: “gozado, trabalhei lá vários anos e nunca te vi, qual era a seção em que você trabalhava?” Antes de responder, Armando lembrou que estava com sede e disse: “vou buscar uma cerveja, volto já” e vazou na braquiária, saiu de fininho da festa e nunca mais viu Audálio. O mesmo e incrível Armando que, mesmo morando na zona norte da capital paulista, mantém tradição familiar: ainda leva os sapatos para engraxar na Praça Antônio Prado, coração da metrópole.

Mauro Ferreira é arquiteto